

FORMA E NATURA E COSTUMI DEL RINOCERONTE

Na consecução da sua política no Oriente Afonso de Albuquerque, Governador da Índia, projectara desde cedo a construção de uma fortaleza em Diu, cidade pertencente ao rei de Cambaia. Neste sentido enviava no começo de 1514 uma embaixada a Modofar II. As negociações não surtiram efeito e o rei de Cambaia retribuía o presente que Albuquerque lhe oferecera com um outro em que figurava, além de mais, um rinoceronte ou *ganda*. Os embaixadores portugueses regressavam a Goa em Setembro do mesmo ano com o «animal monstruoso». O Governador decide então enviá-lo ao rei de Portugal, utilizando a armada que sai de Cochim no começo de Janeiro de 1515: em 20 de Maio seguinte o rinoceronte desembarcava são e salvo em Lisboa⁽¹⁾. Era o primeiro que chegava à Europa nos tempos modernos.

Plínio, Estrabão, Diodoro Sículo, Marcial e outros haviam-se referido ao rinoceronte. O rei de Portugal «quis ver per experiência, como diz Goes, o que os escritores antigos escrevem do ódio natural que há antre os elefantes e os rinocerontes, pera o que mandou em Lisboa meter estas duas espantosas alimárias em um terreiro cerrado» que ficava entre o Paço da Ribeira e a Casa da Índia. No domingo 3 de Junho de 1515 tudo estava preparado para o combate que acabou por não ter lugar. O impressor alemão Valentim Fernandes e o jovem Damião de Goes referem-se ambos a este facto. O primeiro é conciso: Goes dá porém uma descrição pormenorizada⁽²⁾. Conduzido ao lugar do combate, o rinoceronte fica «de trás de uns panos d'armar que estavam pendurados em passadiço que ia da sala d'el-rei pera a da rainha, isto por que o elefante o não visse ao entrar da porta». Chega o elefante. D. Manuel I manda levantar a tapeçaria. Então o rinoceronte, «posto que estivesse ferropado (porque assim andava sempre), em vendo o elefante fez um gesto pera o índio que o curava e trazia preso por uma cadeia comprida, como em modo de lhe dizer que o deixasse ir pera onde o imigo estava. O índio, porque a alimária começava já de puxar, lhe alargou a cadeia, levando

(1) Todos estes factos (excepto o dia da chegada do rinoceronte a Lisboa) são apontados, com mais ou menos pormenores, pelos cronistas portugueses Castanheda, Barros, Brás de Albuquerque, Goes, Correia, Couto e pelo próprio Albuquerque nas suas *Cartas*, e foram utilizados por Fontoura da Costa no seu curiosíssimo estudo *Les déambulations du rhinocéros de Modofar, roi de Cambaye, de 1514 à 1516*, Lisbonne, Agence Générale des Colonies, 1937, p. 9-18. A data de 20 (de Maio) é dada pelo impressor alemão Valentim Fernandes, residente em Portugal desde c. 1490, na carta que em Junho (muito provavelmente) de 1515 escrevia a um dos seus amigos de Nuremberga. O original deste documento é desconhecido; a sua tradução em italiano foi encontrada por Angelo de Gubernatis na Biblioteca Nacional Central de Florença, que a publicou na sua *Memoria intorno ai viaggiatori italiani nelle Indie Orientali dal secolo XIII a tutto il XVI*, Florença 1867, p. 168-71, e posteriormente (segundo Fontoura da Costa que dá a tradução da carta) na *Storia dei viaggiatori italiani nelle Indie Orientali*, Livorno 1875, p. 289, obra que não pudemos consultar.

(2) Goes engana-se porém ao escrever que o combate se realizou em 1517.

contudo o cabo dela na mão, de maneira que com o passo mui seguro começou de encaminhar pera onde o elefante estava, levando o focinho posto no chão, assooprando pelas ventas com tanta força que fazia levantar o pó e palhas do chão, como se fora um redemoinho de vento». O elefante volta-se. Depara com o rinoceronte. Urra e dá mostras de querer combater. «Contudo, depois que o rinoceronte chegou junto dele, querendo já cometer pela barriga, parece que pela pouca idade de que era, desconfiado de se poder ajudar dos dentes contra um tamanho imigo, por os ter ainda tão pequenos que lhe não sairiam da boca mais de três palmos, fez volta em redondo, endireitando pera ãa janela de grades de ferro que estava junto da porta do pátio que oulhava de longó das casas da Ribeira, nas quais pôs a cabeça com tanta força que torceu dous dos barões das grades, que seriam de grossura d'oito boas polegadas em quadrado, per entre os quais dous barões saiu, deixando o índio que o governava no chão, que nesta pressa se lançou dele, o que, se não fizera, rebentara entre as grades e o lumear de cima da janela. Saído assi o elefante do pátio tomou o caminho dos Estaos, onde era sua pousada, não tendo conta com cousas que achasse diante, assi homens de pé como de cavalo, que perante todos passava fazendo tamanha revolta que com os brados que davam uns aos outros que se guardassem parecia que era algũa batalha posta fora de sua ordem ou desbaratada dos imigos» (3).

Aqui poderia ter terminado a história dum rinoceronte. Mas foi pelo contrário. Um alemão (4) apressava-se a enviar de Portugal para o seu país ou para a Bélgica um esquiço do rinoceronte, ao mesmo tempo que a sua descrição (5). Um e outra chegaram directa ou indirectamente às mãos de Albrecht Dürer que no mesmo ano de 1515 executava o desenho que estaria na origem da gravura *Rhinoceros 1515* (6). A célebre gravura, cuja legenda repetia por assim dizer textualmente a referida descrição, teria em breve oito edições (7) e não passaria de modo nenhum despercebida. Rabelais examinou detidamente uma destas edições em Lyon, onde lhe foi mostrada pelo mercador alemão Hans Kleberger (8). O geógrafo alemão Sebastião Münster não a ignorou tão pouco, pois se é certo que se serviu de Plínio e

(3) *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel, IV*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1955, p. 53-4.

(4) Um alemão, certamente, e não um português. Como numa carta em língua alemã enviada de Portugal para a Alemanha ou para a Bélgica se faz alusão «ao nosso rei de Portugal», concluiu-se que o autor da carta era português. Esta interpretação não parece convincente. Com efeito os mercadores italianos que na mesma época residiam em Portugal não se exprimiam de maneira diferente a respeito de D. Manuel I. Pode ver-se esta carta *apud* — Fontoura da Costa, *idem*, p. 23-4.

(5) Publicados por Fontoura da Costa, *Les déambulations*, gravura n. 2. Cf. p. 23.

(6) Reproduzida por Fontoura da Costa, *idem*, gravura n. 4

(7) Ver Campbell-Dodgson, *Catalogue of early German and Flemish Woodcuts preserved in the Department of Prints and Drawings in the British Museum*, I, Londres 1903, p. 307-8, e Erwin Panofsky, *Albrecht Dürer*, Princeton University Press, 1945, I, p. 192, II, p. 43 n. 356.

(8) Ver Richard Salomon, *A trace of Dürer in Rabelais*, in *Modern Language Notes*, LVIII (Baltimore 1943), p. 498-501.

de Solino para a descrição do rinoceronte que dá na sua *Cosmographia*, utiliza igualmente a gravura de Dürer, ao ponto de repetir o erro do seu compatriota sobre a data do desembarque do rinoceronte em Lisboa: 1 de Maio de 1513 em vez de 20 de Maio de 1515⁽⁹⁾. Dürer fará ainda figurar o rinoceronte na torre central do «Arco de Triunfo» em honra de Maximiliano I; o paquiderme está enfim representado numa das esculturas da Torre de Belém.

Mas não ficam por aqui as andanças do rinoceronte. D. Manuel I que, em 1514, havia oferecido ao papa Leão X um elefante e outros animais e produtos exóticos⁽¹⁰⁾, enviava-lhe no ano seguinte, provavelmente em Dezembro, grandes quantidades de especiarias — pimenta, cravo, canela, gengibre, maçãs, noz moscada, malagueta, benjoim —, pichéis e taças lavradas de bastiães que excediam o peso de seis quintais e, além disso, «a alimária por nome chamada *ganda*, com sua cadeia dourada»⁽¹¹⁾. Era talvez para agradecer a Leão X a concessão recente da «Rosa de ouro» que D. Manuel recebeu em Lisboa em meados de Julho de 1515⁽¹²⁾. A nau do comando de João de Pina lança âncora em Marselha em Janeiro de 1516. Corre a notícia que o rinoceronte se encontra a bordo. É conhecida a predilecção de Francisco I pela fauna exótica: «Comme nous tenons quelque petit chien pour compagnie, que faisons coucher sur les pieds de nostre licet pour plaisir, François I^{er} y avoit telles fois quelque lion, once ou autre telle fiere beste, qui se faisoient chere comme quelque animal privé és maisons des païsans»⁽¹³⁾. O rei de França não deixou pois perder a oportunidade de ver pela primeira vez um rinoceronte. Saíra de Milão no começo de 1516 com destino à Provença. Chegado a Marselha, «séjourna ledict seigneur quatre jours audict Marseille et durant iceulx alla deux lieues en mer veoir une merueilleuse beste appelée reynoceron, laquelle beste le Roy de Portugal envoyoit au Pape avec plusieurs aultres présens»⁽¹⁴⁾.

(9) Cf. *Cosmographiae universalis libri IV... Auctore Sebastiano Munstero*, Basileae apud Henrichum Petri mense martio anno Salutis M.D.L., p. 1086. Münster refere-se ao combate em Lisboa entre o rinoceronte e o elefante, e que não é mencionado pelo pintor alemão; soube disso por informação oral, sem dúvida.

(10) Cf. Luís de Matos, *Natura, intelletto e costumi dell'elefante*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, I, p. 44-5.

(11) Ver *Relações de Pero de Alcáçova Carneiro, Conde da Idanha, do tempo que ele e seu pai António Carneiro serviram de Secretários (1515 a 1568)*, revistas e anotadas por Ernesto de Campos de Andrada, Imprensa Nacional de Lisboa, 1937, p. 198-9. Em data que nos é impossível precisar D. Manuel I ofereceu dois camelos a Leão X, que iriam desfilar no carnaval romano de 1519 ou de 1520. Ver Marino Sanuto, *I Diarii*, t. XXVIII, col. 301.

(12) Cf. *Relações de P. A. Carneiro*, p. 196-7, e P. Mac Swiney de Mashanaglass, *Les roses d'or envoyées par les papes aux rois de Portugal au seizième siècle*, Paris, A. Picard, 1905.

(13) Testemunho de Pierre Belon, citado por L. Sainéan, *L'Histoire Naturelle dans l'œuvre de Rabelais*, in *Revue du seizième siècle*, III (Paris 1915), p. 222-3. Em data incerta, talvez pouco tempo depois de ter visto o rinoceronte, Francisco I enviava a Portugal Antoine de Conflans a fim de comprar elefantes e outros produtos exóticos; cf. Luís de Matos, *idem. ibid.*, p. 46 n. 5. Antoine de Conflans é personagem conhecido; ver *Catalogue des Actes de François I^{er}*, I, Paris 1887, p. 220 n. 1214, II, p. 354 n. 5546, V, p. 632 n. 17904 e p. 675 n. 18140.

(14) Cf. *Journal de Jean Barrillon (1515-1516)*, éd. de Pierre de Vaissière, I, Paris 1897, p. 193.

Aproxima-se o fim do rinoceronte. A nau de João de Pina naufraga em breve no Golfo de Génova com toda a sua tripulação e carga: tudo se perdeu. O rinoceronte dá à costa e é remetido empalhado a Leão X, afirma Paolo Giovio: «Ne venne a Roma la sua vera effigie e grandezza, e ciò ful del mese di Febraio l'anno 1515» (15).

O rinoceronte não seguirá pois em cortejo pelas ruas de Roma pejadas de curiosos, do aristocrata ao plebeu, como se vira em 1514 com o desfile do elefante. Não terá aí, como este, uma rua ou uma estalagem com o seu nome (16). Um único poeta latino lhe dedicará uma estrofe de doze versos (17). Todavia Paolo Giovio referir-se-lhe-á nos seus *Elogia* mais longamente do que ao elefante (18), e mais tarde, quando Alexandre de Médicis procura uma empresa significativa e pede conselho a Giovio, este não hesitará em escolher o rinoceronte: «Ritrovandosi gagliardo e potente della persona, desiderava farsi famoso per guerra, dicendo che per acquistare gloria e per la fattione Imperiale sarebbe animosamente entrato in ogni difficile impresa, deliberando de vincere ò morire. Mi domandò dunque un giorno con istanza che io gli volessi trovare una bella impresa per le sopraveste d'arme secondo questo significato. Et io gli elessi quel fiero animale, che si chiama rhinocerote, nemico capitale dell'elefante, il quale essendo mandato a Roma, acìo che combattesse seco, da Emanouello Re di Portogallo, essendo già stato veduto in Provenza, dove scese in terra, s'affogò in mare per un'aspra fortuna, ne gli scogli poco sopra Porto Venere (...) Fecesi dunque la forma del detto rhinocerote in bellissimi ricami, che servivano anchor per coperta di cavalli barbari, i quali corrono in Roma et altrove il premio del palio, con un motto di sopra in lingua spagnuola — *Non buelvo sin vencer: Io non ritorno indietro sin vittoria* —, secondo quel verso che dice:

Rhinoceros nunquam uictus ab hoste redit.

E parve che questa impresa gli piacesse tanto che la fece intagliare di lavoro d'agimia nel corpo della sua corazza» (19).

Mas o rinoceronte, tal como o elefante, terá o seu poemeto em língua italiana, composição de título longo e de sabor geográfico, à maneira do Renascimento: *Forma e natura e costumi de lo Rinocerothe stato condotto im portogallo*

(15) *Dialogo dell'impresse militari et amorose, di Monsignor Giovio vescovo di Nocera, con un ragionamento di Messer Lodovico Domenichi, nel medesimo soggetto.* Con la tavola. In Vinegia appresso Gabriel Giolito de'Ferrari. [1557], p. 31. Cf. Goes, *idem, ibid.*, p. 55. Ao contrário do que foi afirmado algures, a data de 1515 (= 1516) está certa. Giovio não fez mais do que seguir normalmente o estilo florentino, segundo o qual o ano começava apenas em 25 de Março.

(16) Cf. Luís de Matos, *idem, ibid.*, p. 46.

(17) Publicada por Giovio in *Pauli Iouii Nouocomensis Episcopi Nucerni Elogia uirorum bellica uirtute illustrium ueris imaginibus supposita...* Florentiae In officina Laurentii Torrentini Ducalis Typographi, MDLI, p. 206.

(18) *Idem, ibidem.*

(19) P. Giovio, *Dialogo dell'impresse militari et amorose, cit.*, p. 31-2.

dal Capitano de larmata del Re e altre belle cose condutte dalle insule nouamente trouate. É seu autor o médico florentino Giovanni Giacomo Penni⁽²⁰⁾, e foi publicado em Roma em Julho de 1515. Isto prova até que ponto tudo quanto dizia respeito aos novos mundos era objecto do mais vivo interesse, pois que o poemeto estava impresso desde 13 deste mês e o rinoceronte, como se viu, chegara a Lisboa em 20 de Maio. Fernando Colombo comprou o opúsculo em Roma em Novembro deste mesmo ano, como o confessa na sua nota manuscrita no final do poemeto, e é precisamente este exemplar (o único conhecido, segundo cremos) que se encontra hoje na Biblioteca Colombina de Sevilha. Parece que tem passado despercebido a todos os que se ocuparam do rinoceronte.

Giovanni Giacomo Penni não é mais do que um fraco versejador; ele próprio o reconhece de algum modo:

Qual fa il caval che ne la guerra è uso
che anitrisce, raspa e non si ferma
e salta e molte volte isbuffa il muso
s'avien che la trombeta suoni a scherma:
così fo io, benché inetto mi accuso
a compor versi: ho la musa inferma.
Di giorno in giorno sentendo de'casi
convien bagnarmi ne'rivi pegasi.

E ao cabo do *Forma e natura e costumi del rinoceronte* a sua opinião sobre a obra que realizou não é diferente:

Dirà qualchuno che questi versi a caso
si sieno stati fatti e senza ingegno
e ch'io vituperi le Muse e'l Pegaso,
mostrando vile e inetto il mi'ingegno;
forse qualchun che serà persuaso
che mi dovessi in versi fare hor degno:
l'opinione è falsa che la sorte
fa godere e stentare insino a morte.

O médico florentino está contudo bem informado⁽²¹⁾. Parece certo que não teve qualquer documento entre mãos, mas é evidente que obteve informações orais, provávelmente de algum dos mercadores florentinos que se correspondiam regularmente com os seus compatriotas estabelecidos em Lisboa. Não ignora na verdade

(20) Conhecemos a profissão do autor do poemeto por amável indicação do nosso Amigo Dr. Roberto Barchiesi, leitor de italiano na Faculdade de Letras de Lisboa, a quem exprimimos o nosso reconhecimento. Cf. Domenico Gnoli, *La Roma di Leon X. Quadri e studi originali annotati e publicati a cura di Aldo Gnoli*, Milão, Ulrico Hoepli, 1938, p. 72 n. 1.

(21) Engana-se porém ao afirmar que a frota de 1515 era comandada pelo próprio Afonso de Albuquerque.

que a armada da carreira da Índia chegara a Lisboa no «fim de Maio» de 1515 e que se compunha de três navios carregados de especiarias cujos nomes reunirá nesta prosaica oitava:

Et mirra e pepelongo e peperondo,
sandali rossi, cubebbe e canella,
legno aloè, reubarbaro iocundo,
indaco, incenso, lacha molto bella
e benzuí che fornirebbe el mondo;
garofani e zenzibero, cosa snella;
e altra cosa de piú qualidade
per operare ognora quando gli accade.

Dá por outro lado precisões que faltam na documentação portuguesa conhecida. Sabe-se com efeito que Albuquerque enviara à rainha, ao futuro D. João III e à Infanta D. Isabel, na frota de 1515, «algũas cousas de cá» que não são especificadas, excepto «duas meninas» oferecidas à Infanta (²²). Ora o autor do poemeto parece desconhecer, é certo, este último pormenor, mas é muito mais explícito quanto ao resto. Assim, o Governador da Índia enviara ao rei uma cimitarra guarnecida de pedras preciosas, entre elas um rubi avaliado em quarenta mil cruzados de ouro, quatro manilhas «di gran valuta», enfim:

Poi un collare di tante gioie inserto
che farebbe la notte parer giorno;
di perle oriental tutto è coperto,
rubini e diamanti e altre cose ha attorno.

As cortesãs, por seu lado, não tinham sido esquecidas: o almíscar contava-se entre os perfumes que lhes eram oferecidos:

Et ha condotto per le cortigiane
quatro milia once di muscho perfetto
e ben once trecento de ambracane
aciò che meglio possin dar diletto;
varie altre cose per viso e per mane
e animali che fanno odori nel letto,
e tante gentilezze e tante frasche
che ciascuna potrà impire le tasche.

(²²) Ver *Cartas de Afonso de Albuquerque...* publicadas... sob. a direcção de Raimundo António de Bulhão Pato, I, Lisboa 1884, p. 356.

O médico florentino não viu pois o rinoceronte, como o prova a cronologia dos factos apontados anteriormente, e não conheceu tão pouco a gravura de Dürer. Seja como for, a descrição que nos dá do paquiderme é exacta:

Nella sua giunta el capitano prefato
al Re di Portogallo suo signore
uno animale rubesto ha presentato
che ad vederlo sol mette terrore.
Questo con le so carne s'è bardato
soda la pelle e d'uno strano colore,
scaglioso qual le gambe di testudine
e regge a ogni botta come ancudine.

E continua imediatamente a descrever o rinoceronte, pondo em relevo tudo quanto é essencial:

Rinocerothe è dicto lo animale
pe' piè legato lo menono d'intorno
e con catene perché e' face male.
Sopra del naso ha un pulito corno,
li orecchi d'uno mula naturale
e ciascuno piè è di tre dita adorno;
le gambe corte e grosso come un bova
e dicesi che fa mirabil prova.

Giovanni Giacomo Penni conclui pelo ódio natural do rinoceronte contra o elefante e pelo «intelletto» comum a um e a outro:

Questo odia lo elefante per natura
e spesso si lo maza con quel corno
cosí ogni animale de su statura.
Se piccoli animali se trova intorno
di noiare quelli col corno non se cura
perché è di descretione assai adorno;
e come lo elefante ha lo intelletto
a tale che l'uno de l'altro hanno sospetto.

O médico de Florença vai mais longe. Integrado na sua época, deseja que os príncipes cristãos ponham termo às guerras que fazem entre si; estabelecida

a paz, será então possível trazer ao seio da Igreja os povos de «fé, lei e superstição falazes»:

S'el ciel consente mai tra' Christiani pace,
ispegnerassi tante fede e lege
e superstition tutte fallace;
sarà Leon Pastor con una gregge
e caverasse ogni un de conturnace.
Consental, se gli piace a ch'il ciel regge,
nel grato tempo di Papa Leone
per tutto sia de Christo el Confalone.

E é a oportunidade para o autor do poemeto de pôr em relevo a dívida da Cristandade para com o rei de Portugal:

Quanto oblige abbia la Christianidade
col celibrato Re di Portogallo
si vede e reprecario non acchade;
perché non si potrebbe sí laudarlo
che non meriti più per so bontade.
Il ciel consenta in vita prosperarlo
salvi e mantenga el suo stato giocundo
tanto che una fé sola sia al mondo.

Giovanni Giacomo Penni não fazia mais do que exprimir o pensamento comum a tantos outros no Renascimento: a paz entre os soberanos europeus, a conversão dos Infiéis e a consequente expansão do Cristianismo.

LUIS DE MATOS

Forma z natura z costumi de lo Rinocero,
che stato condotto in portogallo dal Capita
nio de larmata del Re z altre belle cose con
dutte dalle insule nouamente trouate.



- x 1 **Q**ual fa il caval ch'ne la guerra e vfo
che amittisce raspa e non si ferma
e salta e molte volte isbiffa il naso
fauten che la trombeta suoni a scerma
cosi fo lo benche inetto mi accuso
e compo v'v'v'ho la musa inferna
di giorno in giorno sentendo de casi
comuen bagnarini ne rini pegali
- 2 **M**orci volir ma son terpatto conto
se cui pareisi la mie rima scbiocha
non pu' indate dazni cosa il torto
chi non ho piu ardir oapir la bocha
forse che vn di boro qualche conforto
se mai dal cielo la sua gratia irabocha
faro bene a ciasebun semenauenza
viuete come me tutti a speranza
- 3 **S**ento di Caliente e di suo clima
Al spora e tornato vn Capitano
con Manete da fame grande stima
laudandone el signor ogni Libitano
Cariche diricheza insiu in cima
el nome suo del capitano soprano
Alfonso dal butchercha dicio e quello
stimato allai dal Re Emanuelo
- 4 **E**t artuo secundo che si serue
nel mille cinquecento al fin de Maggio
quin diec'adgiunto e molte cose diue
conducto a questo come animoso e saggio
da restarli obligato ogni che vine
e bene dirto dun tanto viaggio
conducto a Biore Dro: z Animali
e Drozerie per fornire li spiale
- N**ella sua giunta el capitano prefato
al Re di Portogallo suo signore
vno animale rubello a presentato
che aduererlo sel mette terrore
quello cor le so carne se bardata
soda la pelle e duno strano colore
scaglioso qual le gambe di tollidite
e rege a ogni borta come ancudine
- R**inocere che he dicto lo animale
pepe legato lo m'corno d' intorno
e con case le per che e fare male
sopra del naso a vn pulito Lorno
li crechi duna mula naturale
e c'isimo pie he di tre dita adorno
le gambe corte e grosso come vn Bora
e dicei che fa mirabil proua.
- Q**uesto odia lo Elefante per natura
e spesso li lo maza con quel corno
cosi ogni animale de sua statura
se picoli animali se troua atorno
dinotare quelli col corno non se cura
per che he di descretione assai odorno
e come lo Elefante ha lo intelletto
a tale che luno de laltro anno sospetto
- A** Roma gia ne ludi di Pompeo
se ritrono questo Rinocerote
dicono che se gran prene a Celosco
per che col corno ogni animale per come
tal che in quel tempo pregorno ogni dro
che f'cessono le ferze a quello remote
e secundo che seriso io li romani
col fiato solo a mazo molte can

9 **Di** questo degno animale prestante
 Plinio fa mentione e Martiale
 e troaasi de scriptio nel Morgante
 di lai prouare che sia quello sol uale
 tutti dicono che gli odia lo **Helicofante**
 se viene a Roma e la porte far male
 ma noi faremo in modo e sciamene
 che ciascheduno fara bestia da bere

10 **Di** molti animali per bizzari
 come altre volte veduti in no
 bertorie e babuina nullo e in
 a cascadano bere ne ra di in doro
 per che contere che laire esse io nari
 a frate la materia fara bene
 e fare breue oratione per non tediar
 a quelli che ogni anno aliro da fare

11 **Doro** el Re po vna **Simitarra**
 che diuiderebbe in poi fido liene fimo
 nona da fare con quella rille psarra
 che e la uera da un altro firo
 la tagliarla ogni arena e sbarra
 guernita a gloie tra talere vno **Rebino**
 el anar li stima da mara vno tesoro
 quanta amilla cruciati doro

12 **Quel** biffarebbe a me se emel donassi
 e a nullo terrebbe del regno
 se io bna lisse qualtenio che nel pregas
 fo: se che ancora colorirei il disegno
 ma e in fa duto che io non vi pensassi
 tal ebi no banto alquanto vn po di **Segro**
 ma lo mi po temperare in se e caldi
 che e si farebbe dell' altri ribaldi

13 **Lo** sen collare di tante gloie inferto
 che farebbe la notte perer giorno
 di perle oriental tutto e coperto
 robini e diamanti e altre cose a attorno
 benelo al Re secondo chio macerto
 che fece a rimistrarlo assai so giorno
 e per abentarsi le parole
 quatt'ocento canari ke di comiole

14 **Quattro** maniglie anchora di gra valata
 e bel tutto non seppo ben raccontare
 e ognun vol del vero puo far disputa
 e con ragion puoi non si puo prouare
 se lo ti dicessi de la lor valata
 iti fare per tuo maruegliare
 badi la cosa e certo tanto d'ora
 che conuen chio la lassu e non la scriua

15 x **Et** a condutto per le costigiane
 quattro mila once de muscho perfetto
 e ben once trecento de **Ambra** cane
 celo che me gito pessin dar diletto
 varie altre cose per viso e per mane
 e animali che fanno odori nel letto
 e tante gentilezze e tante frasche
 che ciascheduna potra impire le tasche

16 x **Et** Mira e **Depelongo** e **Depetondo**
Sandalitrosi **Lubebbe** e **Lacella**
 legno **Aloe** **Reobarbaro** secondo
Indaco **Incenso** **Lacda** molto bella
 e **Benjui** che somu ebbe el mondo
Rosolui e **zenibero** colla snella
 e altra cosa de piu qualitate
 per operare ognora quando gli ueba si

17 Se io volesse a particulari
descendere el fare troppa facenda
ce se condotte da diuersi mari
ma conuen pur eba lopera marenda
chi non posso coprir pot tanti altari
che ale voglie de ciaschun conceda
mi basta bauerzi detto la importanza
per non gustare quello che lectia vsanza

70 Io ho speranza per la sua bonta
e per suoi preggi dumilimi e unsi
chel ciel vincer fara sua sanctita
tanto che el trara de passi angusti
prosperi il ciel la sua felicità.
e spenga gl'infideli tanto robusti
e vn di se gli piace anchora consenti
darmi qualcosa accio sempre non lietti

18 Quato obligo habbia la christiandade
col Celibato Re di Portogallo
si vede e replicato non eba de
perche non si potrebbe si laudarlo
che non meriti piu per sobontade
il ciel consenta in vna prosperario
salute mantenga el suo stato giocando
tanto che vna se sola sia al mondo

21 x Dira qualebuno che questi versi achaso
si sieno stati fatti e senza ingegno
e chio vituperi le muse el pegaso
mostrando vile e inetto il miengenno
forse qualcun che sera persuaso
che mi donassi in versa fare boz degna
lopinione e falsa che la forte
fa godere e stentare infino a morte

x 19 Sel ciel consente mai tra christiani pace
il pegnerassi tante fede e lege
e superstition tutte fallace
fara Leon Pastor con vna grege
e cauerassi ogninn de contumace
consenta se gli piace a chi el ciel regge
nel gato tempo di Papa Leone
per tutto sia de Celibato el Confalone

F F A S S

22 Impresso in Rome in casa de mastro
Stephano Surtirelli a di tredici de Lu
to nel mille e cinquecento e quindici.

Io. Ja. de Bernis faciebant Roma